

CNI debate a questão do reaquecimento

por Fernando Pereira
do Rio

"Temo que o sacrifício que está sendo exigido das classes produtoras — empresariado e trabalhadores — não esteja sendo acompanhado pelo governo. Para combater a inflação, os juros têm de ser altos. É a fórmula clássica. Não tem outra saída. O reaquecimento da economia só poderá ocorrer se o ritmo da inflação cair para algo em torno de 50% e a curva de crescimento estiver apontando para baixo. Se o governo não tivesse acionado os freios, estariamos, hoje, com uma inflação de mais de 200%. Relançar a economia agora é perigoso. Estamos, ainda, no meio do caminho."

Essa análise foi feita pelo presidente do grupo Gerdau, Jorge Gerdau Johannpeter, após reunião do Conselho de Política Econômica e Social da Confederação Nacional da Indústria, grupo que se reúne periodicamente para análise de temas conjunturais. Desse Conselho, participam líderes empresariais de grande representatividade e poder econômico.

RELANÇAMENTO

O presidente do Sindicato Nacional dos Produtores de Papel e Celulose, Horácio Cherkassky, não concordou com o ponto de vista de Gerdau. "O governo está no mesmo barco que nós", disse. "As estatais estão contendo seus investimentos simplesmente porque também não têm recursos. Aprovo a reorientação da política econômica no sentido de se relançar a economia em setores que não dependem de importações para elevar seu nível de produção. Apesar de pertencer a um setor que vem atravessando a crise com um bom desempenho — a produção de papel e celulose caiu apenas 4% nos últimos meses e temos uma margem de desemprego da ordem de 10% —, acreditamos que a crise mundial não está provocando reflexos muito profundos no Brasil."

"Concordo que o desaquecimento da economia seja setorial, só que ele afeta todos os setores, imergindo o País em plena recessão", disse o presidente do Conselho de Política Econômica e Social da CNI e presidente da Abimaq, Einar Kok, ao discordar de Cherkassky. "Concordo em que todos — empresários, empregados e governo — estejam no mesmo barco. Empresas estatais como a Petrobrás, por exemplo, estão limitando ao máximo seus investimentos. Dentro do meu setor, estão apresentando crescimento apenas poucos produtores de equipamentos, como caldeiras, economizadores de vapor, maquinaria para álcool e destilarias autônomas. Os demais chegam ao fundo do poço. Acho oportuno o relançamento."

POLÍTICA

Kok calcula que o índice de desemprego de seu setor esteja em torno de 3,5%, o que ele considera baixo, dadas as características dos empregados das indústrias de bens de capital, altamente especializados, levando o

empresário a optar por outras providências antes de pensar em demissões. O ex-ministro da Fazenda e atual dirigente da Volvo, Karlos Rischbieter, outro membro do Conselho, está preocupado com a conjuntura sob o ponto de vista mais global, o da política. Ele acha que chegou o momento do relançamento, invoca estudos clássicos, para defender a injeção de recursos em setores que empregam intensivamente mão-de-obra, como a construção civil, indústria têxtil e até mesmo a abertura de frentes de trabalho no Nordeste.

"Não sabemos mais aonde o governo quer chegar", disse Rischbieter. "A única saída é a abertura. Se fecharmos a panela, levaremos a tampa na cara. É urgente a descentralização das decisões. Os estados e municípios precisam ampliar sua participação na arrecadação e nas decisões. Esta medida terá reflexos de longo prazo. A curto prazo, precisamos dar emprego para o pessoal do ABC e do setor metalúrgico do Rio. O que as classes produtoras — trabalhadores e empresários — precisam a curto prazo é de preços e o fim dos subsídios. Defendi isso em 1977 na Escola Superior de Guerra e esta tese é cada vez mais válida."

Desemprego preocupa a Firjan

O presidente da Firjan, Arthur João Donato, disse ontem na reunião do conselho de representantes da entidade que o desemprego estabelece a relação entre a crise econômica e a social e representa a deterioração do relacionamento entre empregados e empregadores. O conselho de representantes da Firjan ouviu exposição do economista João Paulo de Almeida Magalhães e do presidente do Ideg, Correia do Lago, que apresentaram dados estatísticos sobre o desemprego no País, especialmente no Rio de Janeiro. Segundo informaram, já se tornou preocupante o nível de crescimento da força de trabalho: o Rio de Janeiro, por exemplo, de maio para junho deste ano, foi a única região metropolitana em que o desemprego aumentou, passando de 8,87 para 8,91%, enquanto nas demais capitais as modificações foram pouco significativas.

Entre outras propostas, João Paulo de Almeida Magalhães levou à discussão dos conselheiros quatro hipóteses: 1) seguro-desemprego, que considerou altamente inflacionário; 2) estabilidade no trabalho — classificado como solução falsa, porque nenhuma empresa demite funcionários sem ter sido obrigada a fazê-lo; 3) a redução da jornada de trabalho, que a lei permite até 25%, mediante acordo intersindical, usando o saque do FGTS durante determinado número de meses e complementando pelo governo o salário do desempregado; 4) a substituição de determinados investimentos não prioritários para aplicação em obras da construção civil, especialmente nos grandes centros.